

Tudo que eu sabia sobre o amor quando era adolescente

O amor romântico é a coisa mais importante e excitante do mundo.

Se ainda não o encontraste quando já fores uma adulta propriamente dita, então, é porque fracassaste, como muitas das minhas professoras de Artes, que, já reparei, são tratadas por Menina em vez de Senhora, têm cabelo frisado e usam joias étnicas.

É importante ter bastante sexo com muitas pessoas, mas provavelmente não mais do que dez.

Quando eu for uma mulher solteira em Londres, vou ser extremamente elegante e magra e usar vestidos pretos e beber martinis e só hei de conhecer homens em lançamentos de livros e em inaugurações de exposições.

Um sinal de amor verdadeiro é quando dois rapazes se pegam à pancada por causa de ti. O ideal é haver sangue, mas sem que ninguém tenha de ir ao hospital. Um dia, há de acontecer comigo, se eu tiver sorte.

É importante perder a virgindade depois do décimo sétimo aniversário, mas antes do décimo oitavo. Literalmente, mesmo que seja apenas no dia anterior, tudo bem, mas se entrares nos teus dezoito anos ainda virgem, nunca hás de ter sexo.

Podes curtir com todas as pessoas que quiseres e tudo bem, não quer dizer nada — estás só a praticar.

Os rapazes mais interessantes são sempre altos e judeus e têm carro.

Os mais velhos são os melhores porque são mais sofisticados e vividos e também porque têm padrões um pouco menos rigorosos.

Quando as amigas têm namorados, tornam-se chatas. Uma amiga com namorado só tem piada se tu também tiveres namorado.

Se não fizeres *nenhuma* pergunta às tuas amigas sobre os respectivos namorados, elas acabam por perceber que achas o tema uma seca e deixam de falar sobre eles.

É uma boa ideia casar um pouco mais tarde e depois de teres vivido um pouco. Digamos, aos vinte e sete.

A Farly e eu nunca havemos de gostar do mesmo rapaz porque ela gosta deles baixos e atrevidos, como o Nigel Harman, e eu gosto deles machões e misteriosos, como o Charlie Simpson dos Busted. É por isso que a nossa amizade vai durar para sempre.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão romântico como quando eu e a Lauren tocámos no Dia dos Namorados naquele bar marado em St. Albans e eu cantei *Lover, You Should've Come Over* e o Joe Sawyer estava sentado mesmo à frente e fechou os olhos porque antes tínhamos estado a falar sobre o Jeff Buckley e, basicamente, ele é o único rapaz que já conheci que me compreende mesmo a sério.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão embaraçoso como quando tentei beijar o Sam Leeman e ele recuou e eu caí.

Nenhum momento da minha vida há de doer tanto como quando o Will Young assumiu que era gay e eu tive de fingir que não me importava, mas chorei enquanto queimava o livro com capas de couro que recebi na minha confirmação, onde tinha descrito a vida que íamos ter juntos.

Os rapazes gostam mesmo de nos ouvir dizer palavrões e acham que és infantil e nada fixe se és muito certinha.

Quando eu finalmente tiver um namorado, quase tudo o resto não me há de interessar.

Os rapazes

Para alguns, o som que definiu a sua adolescência foram os gritos alegres dos respetivos irmãos a brincar no jardim. Para outros, foi o barulho da corrente da sua bicicleta adorada, a pedalar ao longo de colinas e vales. Alguns hão de lembrar-se dos pássaros a cantar quando iam a pé para a escola, ou do som de gargalhadas e de bolas de futebol chutadas no recreio. Para mim, foi o som da ligação à internet da AOL.

Ainda hoje me lembro, nota a nota. Os primeiros bipes do telefone, o som estridente e semiacabado que indicava uma conexão ainda a meio, a nota aguda que nos dizia que estávamos a fazer alguns progressos, seguida de dois baques graves e abrasivos, um pouco de ruído branco. Então, o silêncio indicava que já tinhas passado o pior. «Bem-vindo à AOL», dizia uma voz suave, com uma inflexão ascendente no «O». Seguia-se o «Você tem *email*». Eu dançava pela sala ao som da ligação da AOL, para ajudar a passar mais depressa aquela espera agonizante. Até preparei uma rotina com coisas que aprendi no balé: um *plié* nos bipes; um *pas de chat* nos sons secos. Fazia isto todas as noites quando chegava da escola. Porque esta foi a banda sonora da minha vida. Porque passei a minha adolescência na internet.

Uma pequena explicação: eu cresci nos subúrbios. É isso: esta é a explicação. Quando eu tinha oito anos, os meus pais tomaram a cruel decisão de deixar um apartamento de cave em Islington e trocá-lo por uma casa maior em Stanmore: a última paragem na linha Jubilee do metro e nos limites mais distantes de North London. Era a margem nula da cidade; um observador da diversão, em vez de um estroina em plena festa.

Quando crescemos em Stanmore, não somos urbanos nem rurais. Eu estava demasiado longe de Londres para pertencer à malta fixe

que ia ao Ministry of Sound, não pronunciava os «g» e não usava roupa *vintage* fixe, comprada nas surpreendentemente boas lojas da Oxfam¹ em Peckham Rye. Mas estava demasiado longe dos Chilterns para ser uma daquelas raparigas selvagens, de bochechas coradas, que usavam camisolas de pescador velhas e aprendiam a conduzir o *Citroën* do pai quando tinham treze anos, iam dar passeios na floresta e metiam ácido com os primos. Os subúrbios de North London eram um vácuo de identidade. Eram tão beges como as carpetes macias que decoravam todas as casas. Não havia arte, cultura, edifícios antigos, jardins, lojas independentes ou restaurantes. Havia clubes de golfe e filiais do Prezzo² e escolas particulares e calçadas e rotundas e *retail parks* e centros comerciais com cobertura de vidro. As mulheres pareciam iguais, as casas pareciam iguais, os carros eram todos iguais. A única forma de expressão passava por gastar dinheiro em coisas homogeneizadas: jardins de inverno, ampliações de cozinha, carros com GPS, férias com tudo incluído em Maiorca. A não ser que jogasses golfe, quisesses fazer madeixas ou visitar um stande da *Volkswagen*, não havia rigorosamente nada para fazer.

Isto era particularmente verdade se fosses uma adolescente à mercê da disponibilidade da tua mãe para te levar com ela no seu *Volkswagen Golf GTI*. Por sorte, eu tinha a minha melhor amiga, a Farly, que vivia a cinco quilómetros de bicicleta de minha casa.

A Farly era, e ainda é, diferente de qualquer outra pessoa na minha vida. Conhecemo-nos na escola quando tínhamos onze anos. Ela era e continua a ser o oposto total de mim. Ela é morena; eu sou loira. Ela é um pouco baixa de mais; eu sou um pouco alta de mais. Ela planeia e programa tudo; eu deixo tudo para a última hora. Ela adora a ordem; eu prefiro a confusão. Ela adora regras; eu detesto regras. Ela não tem ego; eu acho que a minha torrada matinal é suficientemente importante para justificar uma divulgação nas redes sociais (em três

¹ Oxford Committee for Famine Relief, nome de uma confederação de organizações que atua em mais de noventa países com o intuito de procurar soluções para a pobreza, desigualdade e injustiça. Neste caso, a autora faz referência às lojas onde se podem encontrar diversos artigos quase novos por preços muito vantajosos. (N. T.)

² Nome de uma cadeia de restaurantes de inspiração italiana, em Inglaterra e na Irlanda. (N. T.)

canais). Ela está sempre muito presente e centrada no que está a fazer; eu estou sempre metade na vida, metade numa versão fantástica dela que vivo na minha cabeça. Mas, sabe-se lá como, entendemo-nos. Nunca tive tanta sorte na vida como no dia em que a Farly se sentou ao meu lado na aula de Matemática em 1999.

A ordem do dia com a Farly era sempre a mesma: sentávamo-nos à frente da televisão a comer montes de *bagels* e batatas fritas (mas só quando os nossos pais estavam fora — outra característica das classes médias suburbanas é a esquisitice com os sofás, além de terem sempre salas de estar onde é «expressamente proibido comer») e a ver *sitcoms* norte-americanas para adolescentes no Nickelodeon. Quando se acabavam os episódios de *Sister, Sister*, *Two of a Kind* e *Sabrina the Teenage Witch*, passávamos para os canais de música, a olhar para o ecrã de boca aberta enquanto saltávamos da MTV para a MTV Base e a VH1 a cada dez segundos, à procura de um determinado vídeo do Usher. Quando nos fartávamos, voltávamos ao Nickelodeon e víamos outra vez todos os episódios das séries norte-americanas para adolescentes que tínhamos visto uma hora antes.

O Morrissey descreveu a sua vida de adolescente como tendo sido passada «à espera de um autocarro que nunca chegava»; um sentimento que apenas é agravado quando chegas à idade adulta num lugar que mais parece uma sala de espera toda bege. Eu estava entediada, triste e sentia-me sozinha, num desassossego para que a minha infância acabasse. E, então, qual galante cavaleiro de armadura reluzente, surgiu a ligação à internet da AOL no grande computador da minha família. E, então, surgiu o MSN Instant Messenger.

Quando descarreguei o MSN Messenger e comecei a adicionar contactos de *email* — amigas da escola, amigas de amigas, amigas em escolas próximas que eu nunca tinha visto —, foi como bater na parede de uma cela de prisão e ouvir alguém bater em resposta. Foi como encontrar relva em Marte. Foi como ligar o botão do rádio e finalmente ouvir a estática transformar-se numa voz humana. Foi uma fuga da minha pasmaceira suburbana para uma abundância de vida humana.

O MSN era mais do que uma maneira de manter o contacto com as minhas amigas em adolescente: era um lugar. É assim que me lembro dele, como um quarto onde eu passava fisicamente horas sentada, todas as noites e fins de semana até que os meus olhos ficavam vermelhos de tanto olhar para o ecrã. Mesmo quando deixávamos os subúrbios e os meus pais nos levavam generosamente, a mim e ao meu irmão, para umas férias em França, aquele continuava a ser o quarto que eu ocupava todos os dias. A primeira coisa que fazia quando chegávamos a um novo hotel era descobrir se havia um computador com internet — geralmente um velho *desktop* numa cave escura — e depois entrava no MSN Messenger e instalava-me sem qualquer problema a conversar durante horas enquanto um mal-humorado rapaz francês esperava a vez dele atrás de mim sentado numa poltrona. O sol da Provença brilhava lá fora, onde o resto da minha família se bronzeava e lia junto à piscina, mas os meus pais sabiam que nem valia a pena argumentar comigo quando se tratava do MSN Messenger. Aquele era o centro de todas as minhas amizades. Era o meu espaço privado. Era a única coisa a que eu podia chamar minha. Como já disse, era um lugar.

O meu primeiro endereço eletrónico foi `munchkin_1_4@hotmail.com`, que eu configurei aos doze anos na sala de informática da minha escola. Escolhi o número 14 porque imaginava que só o teria de usar durante dois anos antes de se tornar infantil: tinha tempo para apreciar esta nova moda e as suas variadas excentricidades até que o endereço perdesse relevância no meu décimo quarto aniversário. Só comecei a usar o MSN Messenger aos catorze e, nesse espaço de tempo, também experimentei `willyyoungisyum@hotmail.com` para expressar a minha nova paixão pelo vencedor do *Pop Idol* em 2002. Também tentei `thespian_me@hotmail.com`, depois de um desempenho memorável como Mister Snow na produção escolar de *Carousel*.

Voltei ao `munchkin_1_4` quando descarreguei o MSN Instant Messenger e aproveitei os contactos do MSN Messenger, que entretanto já transbordavam com amigas da escola que eu tinha acumulado desde a conceção deste endereço. Mas, e isto foi fundamental, registou-se também a aparição dos rapazes. Ora, eu não conhecia

rapazes nenhuns naquela altura. Além do meu irmão, do meu primo, do meu pai e de um ou dois amigos do críquete do meu pai, a verdade é que eu não tinha passado tempo nenhum com homens durante toda a minha vida. Mas o MSN trouxe com ele os endereços eletrónicos e avatares desses novos Rapazes Fantasma: doações de várias raparigas da minha escola — aquelas que saíam com rapazes ao fim de semana e depois cediam magnanimamente os respetivos endereços de *email* ao restante corpo discente. Estes rapazes faziam o circuito do MSN: todas as raparigas da minha escola adicionavam-nos aos seus contactos e cada uma tinha os seus quinze minutos de fama a conversar com eles.

A origem dos ditos rapazes, de um modo geral, encaixava-se numa de três categorias. A primeira: o afilhado da mãe de uma das raparigas ou alguma espécie de amigo da família, na periferia da sua vida e com o qual ela tinha crescido. Era normalmente um ano ou dois mais velho do que nós, muito alto e esgalgado, com uma voz profunda. Também nesta categoria estavam os vizinhos estudantes de alguém. A categoria seguinte eram os primos em primeiro ou segundo grau de alguém. Finalmente, e também os mais exóticos, tínhamos os rapazes que alguém tinha conhecido quando estava de férias com a família. Estes eram o Santo Graal, a sério, visto que podiam ser de qualquer lugar, tão distante quanto Bromley ou Maidenhhead, mas ali estávamos nós, a falar com eles no MSN Messenger como se estivéssemos na mesma sala. Que loucura; que aventura.

Não demorei a organizar uma agenda destes «perdidos & achados», atribuindo-lhes um rótulo à parte na minha lista de contactos — um simples «RAPAZES». Passava semanas à conversa com eles — sobre opções de cursos a seguir, as nossas bandas preferidas, o quanto fumávamos e bebíamos e «até aonde» tínhamos «avanzado» com o sexo oposto (sempre uma obra de ficção trabalhosamente desenvolvida). É claro que fazíamos pouca ou nenhuma ideia do aspeto de alguém: isto era antes dos telemóveis com câmara e dos perfis nas redes sociais, pelo que a única coisa que tínhamos era a pequena foto do perfil do MSN e a descrição deles. Às vezes, eu dava-me ao trabalho de usar o digitalizador da minha mãe para carregar uma fotografia minha com bom aspeto, tirada numa refeição em família

ou em férias; depois, usava o *Paint* para recortar cuidadosamente a minha tia ou o meu avô, mas, essencialmente, isto dava demasiado trabalho para valer a pena.

A chegada de rapazes virtuais ao mundo das nossas amigas de escola veio acompanhada de todo um conjunto de novos conflitos e dramas. Havia uma fábrica de boatos constantes sobre quem andava a conversar com quem. As raparigas juravam a sua dedicação a rapazes que nunca tinham conhecido, inserindo no seu nome de utilizador o nome próprio dele, com estrelas e corações e sublinhados de ambos os lados. Algumas achavam que estavam num diálogo *online* exclusivo com um rapaz, mas a aparição destes nomes de utilizador denunciava uma história diferente. Às vezes, éramos adicionadas por raparigas de escolas vizinhas que nunca tínhamos conhecido e nos perguntavam diretamente se andávamos a falar com o mesmo rapaz que elas. Ocasionalmente — e isto servia sempre como um alerta na sala de convívio —, revelávamos sem querer um relacionamento com um rapaz no MSN: escrevíamos uma mensagem para ele na janela errada e, por engano, mandávamos essa mensagem para uma amiga. Seguiam-se verdadeiras tragédias de nível shakespeariano.

Havia uma etiqueta complicada que acompanhava o MSN: se nós e um rapaz de quem gostávamos estávamos ambos *online*, mas ele não estava a falar connosco, uma maneira garantida de lhe chamar a atenção era sair e voltar a entrar, porque assim ele era avisado da nossa reentrada e lembrado da nossa presença, o que, esperávamos nós, resultaria numa conversa. Havia também o truque de esconder que estávamos *online* quando só queríamos falar com um contacto específico, o que então podíamos fazer furtivamente. Era uma complexa dança de salão na qual eu participava alegremente e de boa vontade.

Estas longas correspondências raramente resultavam num encontro na vida real e, quando isso acontecia, eram quase sempre uma enorme decepção. Havia o Max com o apelido hifenado — um famoso Casanova do MSN, conhecido por mandar relógios *Baby G* às raparigas pelo correio —, com quem a Farly aceitou encontrar-se junto a uma banca de jornais em Bushey numa tarde de sábado, depois de meses de conversa *online*. Ela chegou lá, viu quem ele era, passou-se e escondeu-se atrás de um caixote do lixo. Viu-o ligar

repetidas vezes numa cabina telefónica para o telemóvel dela, mas não conseguiu encarar a realidade de um encontro ao vivo e voltou para casa. Mesmo assim, continuaram a falar horas a fio todas as noites no MSN.

Eu tive dois. O primeiro foi um desastroso encontro às cegas num centro comercial que durou menos de quinze minutos. O segundo foi um rapaz de um colégio interno das redondezas com quem tinha falado durante quase um ano antes de finalmente termos o nosso primeiro encontro no Pizza Express, em Stanmore. Durante o ano seguinte, tivemos uma espécie de relação intermitente, essencialmente porque ele estava sempre trancado no colégio. Mas eu ia visitá-lo de vez em quando, com batom e uma mala cheia de maços de tabaco que comprava para ele, como se fosse o Bob Hope em missão para entreter as tropas durante a II Guerra Mundial. Ele não tinha acesso à internet no dormitório, pelo que o MSN estava fora de questão, mas resolvíamos a situação com cartas semanais e longos telefonemas que faziam o meu pai envelhecer de desespero quando recebíamos uma conta mensal de três dígitos para o telefone fixo.

Aos quinze anos, comecei um caso mais absorvente do que qualquer outra coisa que me tivesse acontecido nas janelas do MSN Instant Messenger quando me tornei amiga de uma rapariga de cabelo despenteado, sardas e olhos cor de avelã e delineados a preto, chamada Lauren. Já nos tínhamos visto em festas de aniversário no Hollywood Bowl desde que éramos miúdas, mas conhecemo-nos como deve ser por intermédio de uma amiga em comum, a Jess, durante um jantar numa das muitas cadeias de restaurantes italianos de Stanmore. A ligação que se estabeleceu entre nós foi como aquelas que eu já tinha visto nos filmes românticos na ITV. Conversámos até ficarmos com a boca seca, terminámos as frases uma da outra, rimo-nos como malucas; depois de a Jess ir para casa, acabámos por ser corridas do restaurante e ficámos as duas sentadas num banco, ao frio, para podermos continuar a conversar.

Ela tocava guitarra e estava à procura de uma vocalista para começar uma banda; eu tinha cantado numa pouco frequentada noite

de microfone aberto em Hoxton e precisava de uma guitarrista. Começámos a ensaiar versões bossa nova das canções dos Dead Kennedys no dia seguinte, no barracão do jardim da mãe dela — isto com o nome provisório de «Raging Pankhurst» para a nossa banda. Mais tarde, mudámos para o ainda mais inexplicável «Sophie Can't Fly». O nosso primeiro espetáculo foi num restaurante turco em Pinner, onde apenas um cliente no restaurante à cunha não pertencia à nossa família nem era uma amiga da escola. Depois, tivemos a nossa grande digressão: o *foyer* de um teatro em Rickmansworth, o anexo abandonado de um bar em Mill Hill, um pavilhão de críquete nos arredores de Cheltenham. Atuávamos em qualquer rua onde não houvesse um polícia à vista. Cantávamos na receção de qualquer *bar mitzvah* que nos aceitasse.

Também partilhávamos um passatempo: um método pioneiro de multiplataformas para os nossos conteúdos no MSN. Ainda no princípio da nossa amizade, descobrimos que, desde a aparição do Instant Messenger, entretínhamo-nos a copiar e colar as nossas conversas com rapazes num documento do Microsoft Word, imprimindo-as depois e guardando as páginas num dossiê para ler antes de dormir, como um romance erótico. Achávamos que éramos uma espécie de Bloomsbury Group de dois elementos no MSN Messenger da década de 2010.

Mas, pela mesma altura em que me tornei amiga da Lauren, deixei os subúrbios e passei a viver setenta e cinco quilómetros a norte de Stanmore, num colégio interno misto. O MSN já não podia satisfazer a minha curiosidade pelo sexo oposto: eu tinha de saber como eles eram na vida real. O cheiro a *Ralph Lauren Polo Blue* que se ia desvanecendo numa carta de amor já não me satisfazia, nem os *pings* das novas mensagens no MSN. Fui para o colégio interno para tentar habituar-me aos rapazes.

(Aparte: e graças a Deus que o fiz. A Farly continuou na nossa escola só de raparigas até ao fim e, quando chegou à universidade, sem nunca ter convivido com rapazes, mais parecia um touro à solta numa loja de porcelanas. Na primeira noite da semana dos caloiros, houve uma «festa dos semáforos», onde os solteiros deviam usar qualquer coisa verde e quem estava numa relação usava qual-

quer coisa vermelha. A maioria pensou que bastaria usar uma *t-shirt* verde, mas a Farly apareceu no bar da nossa residência com meias verdes, sapatos verdes, um vestido verde e um enorme laço verde no cabelo, tudo isto rematado por uma bruma de laca verde. Mais valia ter aparecido com «ANDEI NUMA ESCOLA SÓ DE RAPARIGAS» tatuado na testa. Hei de me dar sempre por agradecida pelos dois anos de interação mista naquele colégio interno, caso contrário, receio que também teria caído na tentação da lata de laca verde na semana dos caloiros.)

Como se veio a ver, descobri que não tinha rigorosamente nada em comum com a maioria dos rapazes e praticamente nenhum interesse neles, a menos que os quisesse beijar. E nenhum rapaz que eu queria beijar queria beijar-me a mim, pelo que eu podia muito bem ter ficado em Stanmore e continuado a apreciar uma série de relações de fantasia que tinham lugar nos campos férteis da minha imaginação.

Atribuo a culpa das minhas elevadas expetativas amorosas a duas coisas: a primeira é que sou filha de pais quase embaraçosamente apaixonados um pelo outro; a segunda são os filmes que vi nos meus anos formativos. Em criança, tinha uma obsessão bastante invulgar por musicais antigos e, tendo crescido completamente viciada nos filmes do Gene Kelly e do Rock Hudson, sempre esperei que os rapazes se portassem com idêntico charme e elegância. Mas a escola mista depressa pôs um fim a esta minha ideia. Vejamos, por exemplo, a minha primeira aula de Política. Eu era uma das duas únicas raparigas numa turma de doze e nunca tinha estado com tantos rapazes numa sala em toda a minha vida. O mais bonito deles, que já me tinham dito ser um famoso quebra-corações (o irmão mais velho que tinha saído da escola no ano anterior era conhecido como «Zeus»), passou-me um bilhete enquanto a professora explicava o que era a Representação Proporcional. O bilhete vinha dobrado com um coração desenhado na frente, o que me levou a acreditar que era uma carta de amor; abri-o com um sorriso tímido. Todavia, quando o desdobrei, dei com a imagem de uma criatura, prestavelmente legendada para me informar de que se tratava de um *orc* do Senhor dos Anéis, com «ÊS IGUAL A ELE» rabiscado por baixo.

A Farly ia-me visitar aos fins de semana e mirava aquelas centenas de rapazes de todas as cores e feitios, a passear pelas ruas, com os sacos de desporto e tacos de hóquei ao ombro. Ela não queria acreditar na minha sorte, que eu podia sentar-me nos bancos da capela todas as manhãs a pouca distância deles. Mas eu achava a realidade dos rapazes um pouco dececionante. Não eram tão divertidos como as raparigas que tinha conhecido ali, nem de longe tão interessantes ou simpáticos. E, por alguma razão, eu nunca era capaz de me descontrair quando estava perto de algum deles.

Quando acabei o liceu, já não usava o MSN Messenger tão religiosamente como antes. O meu primeiro trimestre na Universidade de Exeter chegou e, com ele, o advento do Facebook. O Facebook era um achado em termos de rapazes *online* — e desta vez, melhor ainda, tínhamos todas as informações vitais reunidas numa única página. Eu estudava regularmente as fotos dos meus colegas da universidade e adicionava todos aqueles cujo aspeto me agradava, o que rapidamente se transformava numa troca de mensagens e em encontros marcados numa das muitas festas *Vodka Shark* ou noites da espuma que aconteciam naquela semana. Eu estava num *campus* universitário numa cidade de catedrais no Devon: localizarmo-nos uns aos outros não era tarefa difícil. Se o MSN tinha sido uma tela em branco na qual eu podia espalhar as mais vívidas fantasias, as mensagens do Facebook eram uma ferramenta de encontros puramente funcional. Era assim que os estudantes identificavam a sua próxima conquista e preparavam a próxima quinta-feira à noite.

Quando acabei a universidade e voltei para Londres, tinha desistido definitivamente do meu costume de abordar potenciais interesses amorosos no Facebook com a agressividade persuasiva de uma representante da Avon, mas um novo padrão começava a formar-se. Eu conhecia um homem por intermédio de uma amiga ou numa festa ou numa saída à noite, ficava-lhe com o nome e telefone e depois iniciava uma relação epistolar com ele via SMS ou *email* durante semanas a fio antes de confirmar um segundo encontro na vida real. Talvez fosse porque esta era a única maneira que eu conhecia para ficar a conhecer alguém, com uma certa distância entre nós, com es-

paço suficiente para preparar e filtrar a melhor versão de mim mesma — todas as boas piadas, todas as melhores frases, todas as canções que eu sabia que o haviam de impressionar, normalmente enviadas pela Lauren. Em troca, eu mandava-lhe canções que ela mandava ao interesse epistolar dela. Uma vez, ela comentou que trocávamos boa música entre nós ao preço da chuva e que depois a mandávamos aos nossos interesses amorosos como se fossem descobertas nossas, com uma «comissão emocional».

Esta forma de correspondência acabava quase sempre numa desilusão. Lentamente, comecei a perceber que é melhor que estes primeiros encontros aconteçam na vida real, e não em forma escrita, caso contrário, a disparidade entre quem imaginamos que a outra pessoa é e quem ela realmente é torna-se cada vez maior. Muitas vezes, eu inventava uma pessoa na minha cabeça e criava a nossa química como se estivesse a escrever um guião e, quando nos encontrávamos na vida real, acabava por ter uma desilusão enorme. Quando as coisas não corriam como eu imaginava, era como se eu pensasse que ele devia ter recebido uma cópia do guião que eu tinha escrito, sentindo-me frustrada porque o agente obviamente se tinha esquecido de lho mandar para que ele o pudesse decorar.

Qualquer mulher que passou os seus anos formativos apenas rodeada de outras raparigas há de dizer o mesmo: nunca nos livramos da ideia de que os rapazes são as criaturas mais fascinantes, sedutoras, repulsivas e bizarras à face da Terra: tão perigosas e mitológicas como o Abominável Homem das Neves. Quase sempre, isto também significa que hás de ser uma fantasista garantida para toda a vida. Como é que poderia se de outra forma? Durante anos a fio, tudo o que fiz foi sentar-me em muros com a Farly, aos pontapés nos tijolos com as minhas grossas solas de borracha, a olhar para o céu e a tentar sonhar o suficiente para me distrair da visão interminável de centenas de raparigas à nossa volta com uniformes a condizer. A imaginação tem o treino diário de um atleta olímpico quando andamos numa escola só de raparigas. É incrível como nos acostumamos ao calor intenso da fantasia quando é nela que, com tanta frequência, encontramos um escape.

Sempre pensei que o meu fascínio e obsessão pelo sexo oposto haviam de acalmar quando acabasse de estudar e a vida começasse, mas mal sabia eu que, chegados os meus vinte e tantos anos, continuaria a saber tão pouco sobre como estar com rapazes como quando entrei pela primeira vez no MSN Messenger.

Os rapazes eram um problema. Um problema que eu ia demorar quinze anos a resolver.

Os diários dos maus encontros: vinte minutos

Estamos em 2002. Tenho 14 anos. Trago vestido um *kilt* da *Miss Selfridge*, um par de *Dr. Martens* pretos e um top laranja fluorescente.

O rapaz é o Betzalel, um conhecido da minha colega de escola Natalie. Eles conheceram-se num campo de férias judaico, altura desde a qual têm falado no MSN e trocado «conselhos sobre a vida e as relações». A Natalie anda à procura de novas amizades — tendo acabado de perder as anteriores ao espalhar um boato segundo o qual uma rapariga do nosso ano se automutila quando na verdade é apenas um caso grave de eczema — e eu sou um dos alvos dela.

Ela sabe que eu quero um namorado, pelo que sugere um arranjinho entre mim e o Betz no MSN Messenger. Estou mais do que satisfeita com o acordo tácito de que a Natalie me presenteia com um novo rapaz com quem conversar e eu, em troca, almoço com ela de vez em quando.

Basicamente, o Betz e eu estamos a encontrar-nos depois de um mês a conversar todos os dias no MSN a seguir às aulas. Ele acha que toda a gente da idade dele é imatura, e eu também, e ele também é alto para a idade que tem, como eu. Estamos sempre a falar sobre estas nossas experiências partilhadas.

Decidimos encontrar-nos no Costa do centro comercial de Brent Cross. Peço à Farly para ir comigo: assim, não apareço sozinha.

O Betz chega e não é nada parecido com a fotografia que me mandou — rapou o cabelo encaracolado e ganhou montes de peso desde o acampamento. Trocamos acenos cada um no seu lado da mesa. Ele não pede nada ao empregado.

A Farly não para de falar enquanto o Betz e eu olhamos para o chão, embaraçados, em silêncio. Ele traz um saco de uma loja: diz-

-nos que acabou de comprar o *Toy Story 2* em vídeo. Eu digo-lhe que é infantil. Ele diz que a minha saia me faz parecer um escocês.

Eu digo-lhe que temos de ir embora porque precisamos de apanhar o 142 de regresso a Stanmore. O encontro dura doze minutos.

Quando chego a casa e entro no MSN, o Betz envia-me imediatamente uma longa mensagem que eu sei que já escreveu no Microsoft Word e copiou para a janela do *chat* em Comic Sans itálico, roxo, que é a imagem de marca dele. Ele diz que acha que sou uma miúda fixe, mas não sente nada por mim. Eu digo-lhe que é muito foleiro ele escrever um discurso e ficar sentado em casa à espera que eu entre no MSN, visto que ele vive perto de Brent Cross e o meu autocarro demora vinte e cinco minutos até minha casa, isto só porque ele sabia que eu lhe achei menos graça do que ele me achou a mim e não queria que eu fosse a primeira a dizer isto.

Ele bloqueia-me durante um mês, mas acaba por me perdoar. Não voltamos a encontrar-nos, mas tornamo-nos confidentes a respeito dos nossos relacionamentos até aos meus dezassete anos.

Livre da minha obrigação contratual, a Natalie e eu nunca mais voltamos a almoçar juntas.

As crónicas das festas foliarias: UCL Halls, Passagem de Ano, 2006

São as primeiras férias de volta a casa depois do meu primeiro trimestre na universidade. A Lauren, também em casa para o Natal, sugere que vamos a uma festa de Ano Novo na residência universitária da UCL. Foi convidada pela Hayley, uma rapariga com quem ela andou na escola e que não voltou a ver desde então.

Chegamos ao grande apartamento comum num edifício degradado de uma ruela entre Euston e Warren Street. Os presentes são uma mistura uniforme de pedrados da UCL, colegas de escola da Lauren e transeuntes oportunistas que veem a porta aberta e ouvem *Ignition* do R. Kelly a tocar continuamente durante quase toda a noite. A Lauren e eu temos uma garrafa de tinto cada (*Jacob's Creek Shiraz*, porque é uma ocasião especial), que bebemos em dois copos de plástico (não da garrafa, porque é uma ocasião especial).

Examino a sala em busca de rapazes com braços e pernas operacionais e pulsação detetável. Nesta altura, tenho dezoito anos, uma vida sexual ativa há seis meses e estou a passar por uma fase de sexualidade excecionalmente exacerbada: um período efémero em que o sexo é a minha maior aventura e descoberta; uma época em que pinar é uma novidade tão grande como as batatas e o tabaco, e eu sou Sir Walter Raleigh³. Simplesmente não consigo perceber porque é que toda a gente não anda sempre naquilo. Todos os livros, filmes e canções que já foram escritos sobre o tema não são suficientes para explicar o quanto aquilo é bom — como é que alguém encara a possibilidade de fazer, em todas e quaisquer noites, outra coisa senão

³ Sir Walter Raleigh (1552-1618) é considerado o responsável pela introdução da batata e do tabaco em Inglaterra, embora ambos já fossem conhecidos por intermédio dos Espanhóis. (N. T.)

sexo ou encontrar alguém para fazer sexo? (Este sentimento já se tinha insidiosamente evaporado quando celebrei o meu décimo nono aniversário).

Deteto uma cara conhecida e amigável num corpo alto com ombros largos e depressa o identifico como um rapaz que era estafeta numa *sitcom* em que trabalhei antes da universidade. Tínhamos flirtado e trocado reclamações a respeito das divas do elenco durante cigarros fumados às escondidas atrás do estúdio. Agora, avançamos direitos um ao outro de braços estendidos e, quase de imediato, começamos a curtir. Era assim que eu funcionava quando as hormonas começavam a bombar na minha corrente sanguínea, em grandes quantidades e a uma velocidade espantosa: um aperto de mão tornava-se um linguado, um abraço passava a uns bons amassos. Todos os marcadores sociais de intimidade subiam alguns degraus.

Depois de um par de horas de partilha do *shiraz* e mais amassos, trancamo-nos na casa de banho para selar o acordo. Começamos a investigar as calças e a saia um do outro, adolescentes bêbedos a tentar consertar uma caixa de fusíveis, quando alguém bate à porta.

— A SANITA ESTÁ AVARIADA! — grito eu com o estafeta a mordiscar-me o pescoço.

«Doll», é a voz sussurrada da Lauren. «Sou eu, deixa-me entrar.» Abotoo a saia, chego-me à porta e abro uma frincha.

— O que é que se passa? — pergunto eu com a cabeça de fora. Ela aproveita para entrar.

— Olha, tenho estado a curtir com o Finn... — ela repara no meu amigo no canto da casa de banho, que agora fecha timidamente as calças de ganga. — Oh, olá — diz-lhe ela sem lhe prestar atenção. — Como te estava a dizer, estive a curtir com o Finn, mas tenho medo que ele tope as minhas cuecas.

— E então?

— São daquelas, tipo cueca-cinta — responde-me ela enquanto levanta o vestido para me mostrar uma cinta cor de pele. — Para meter para dentro as banhas aqui em baixo.

— Então, só tens de as tirar. Finges que vieste sem nada — digo eu, empurrando-a para a porta.

— Onde é que as deixo? Os quartos estão todos ocupados, já estive neles todos e não há um que não tenha um grupo lá dentro.

— Mete-as ali — digo eu, apontando para trás da mochila encardida da sanita. — Ninguém as há de encontrar. — Ajudo-a a despi-las, enfiamo-las atrás do autoclismo e empurro a Lauren lá para fora.

Infelizmente, como consequência das grandes quantidades de álcool que consumimos e do charro partilhado, o estafeta não é capaz de concretizar. Fazemos várias tentativas para remediar a situação, uma das quais é tão frenética que, sem querer, arrancamos a coluna do chuveiro da parede, mas tudo isto em vão. Como tal, decidimos pôr um fim à coisa e, amigavelmente, vai cada um para o seu lado: trocamos um abraço de despedida e ele segue para outra festa. Acabou de dar a meia-noite.

A Lauren e eu reencontramo-nos no quarto onde está a ser fumada a maior parte da marijuana, para nos pormos a par das respectivas proezas. O Finn também se foi embora, em busca de uma festa melhor nas primeiras e negras horas de um novo ano. Brindamos à amizade e à interminável desilusão que são os rapazes, antes de detetar e rapidamente travar amizade com uma banda *emo* que conhecemos no circuito de microfone aberto em Whetstone. Ela fica com o vocalista do cabelo à Robert Smith, eu fico com o baixista das bochechas *Cabbage Patch Doll*. Estamos todos encostados a um guarda-roupa, a passar *Silk Cuts* e charros na nossa linha de produção de quatro enquanto nos revezamos para colocar os respetivos *iPods* na *docking station* dos altifalantes para ouvir uma mistura de John Mayer e Panic! At The Disco. De repente, a música para.

— Alguém estragou o chuveiro — anuncia a Hayley autoritariamente. — Temos de encontrar a pessoa que estragou o chuveiro porque vai ter de o pagar, senão temos um grande sarilho com o administrador da residência.

— Sim, temos de descobrir quem foi — concordo eu num tom empastelado. — Acho que foi aquele tipo baixinho do cabelo comprido.

— Qual tipo?

— Estava aqui agora mesmo — respondo. — Só pode ter sido ele: saiu da casa de banho com uma miúda e estavam a rir-se. Foi lá fora fumar um cigarro, acho eu.

Lidero uma caça às bruxas (ou seja, aos ocupantes da residência) e vamos até à rua para encontrar o tipo que acabei de inventar, mas depressa perco o interesse pela manobra quando vejo o Joel, que anda à procura da festa. Ele é um famoso quebra-corações de North London: um Warren Beatty judeu com gel no cabelo e cicatrizes de acne; um Danny Zuko dos subúrbios. Ofereço-lhe um cigarro e, não tarda, estamos a curtir como quem faz conversa sobre os transportes públicos de Londres. Voltamos para o apartamento onde aprecio um pouco de marmelada em público com o Joel — sempre ganho mais uns pontos do que com o estafeta de outros tempos. Só tenho pena de não conseguir requisitar a casa de banho outra vez, agora sobrelotada com a Hayley e a sua equipa de peritos forenses especializados em estragar festas, todos ocupados a tentar deduzir quem estragou o chuveiro e como. Estou à procura de um novo esconderijo quando a Christine, uma bela loira (a Sandy do «Danny» Joel⁴) pergunta se pode falar com ele. Toda eu elegância, deixo-os ir, porque, como diz o velho ditado, se queres pinar com alguém, deixa-o ir.

A Lauren e eu reencontramo-nos para um cigarro — entretanto, passámos para os *Mayfairs*.

— Eles andavam quando estávamos na escola — diz-me ela. — Muitos altos e baixos, muito intenso.

— Oh — digo eu.

Olho para o outro lado da sala e vejo a Christine e o Joel de mãos dadas, já de saída. Ele acena-me com ar de quem pede desculpa.

— Adeus — dizem-me os lábios dele em silêncio.

A Lauren está entretida com o vocalista *emo* e estão ambos a conversar sobre progressões de acordes, um indicador garantido de que ela está a pensar em ter sexo com ele. São quase quatro da manhã e eu tenho de acordar dali a duas horas para ir para o meu emprego de vendedora numa sofisticada sapataria na Bond Street, onde tenho uma comissão de um por cento que não me posso dar ao luxo de perder. Vou à procura de uma nesga de alcatifa num quarto escuro onde possa dormir e, para minha alegria, encontro uma cama de solteiro vazia e programo o meu alarme para as seis.

⁴ Sandy e Danny Zuko são as personagens principais do filme *Grease* (Brilhantina), respetivamente interpretadas por Olivia Newton-John e John Travolta. (N. T.)

Duas horas depois, acordo com a pior ressaca da minha vida; é como se o meu cérebro tivesse sido virado do avesso, tenho os olhos colados com rímel e, em termos de hálito, mais parece que um rato apreciador de *sauvignon* se meteu na minha boca durante a noite, morreu lá dentro e entrou em decomposição. Olho para baixo e, ao ver a minha minissaia castanha *Topshop*, pernas ao léu e botas de pirata, lembro-me que não levei o uniforme de trabalho comigo.

— Hayley — chamo eu num silvo, espetando-lhe o meu dedo grande do pé. Ela está a dormir ao meu lado no chão, em cima de um monte de camisolas. — Hayley. Preciso de um vestido emprestado. Basta um vestido preto, simples. Trago-to de volta ainda hoje.

— Estás na minha cama — diz ela categoricamente. — Não havia como te arrancar daí ontem à noite.

— Desculpa — respondo.

— E a Lauren disse-me que foste tu quem estragou o chuveiro — acrescenta ela com a boca metida nas camisolas.

Não digo nada, saio em silêncio e arrependo-me do meu altruísmo ainda algumas horas antes, isto porque encontrei um caderno com pequenos poemas deprimentes da Hayley debaixo do travesseiro e não o li de uma ponta à outra.

— Pareces um sem-abrigo — rosna a Mary, a minha chefe com cara de bruxa, quando me vê entrar. — E com um cheiro a condizer. Vai para o armazém — diz ela, gesticulando na minha direção como se estivesse a enxotar uma mosca. — Não te quero perto dos clientes hoje.

Quando chego a casa naquela noite, depois do dia de trabalho mais longo da minha vida, entro no Facebook para investigar os danos fotográficos da noite anterior. Ali, bem no topo da minha página, está uma foto em grande plano das enormes cuecas da Lauren, publicada pela Hayley num álbum chamado «Perdidos & Açados». Todos os que estavam na festa estão identificados. A legenda diz apenas: «DE QUEM SÃO ESTAS CUECAS?»

Devassa a caminho de Leamington Spa

A primeira vez que me embebedei tinha dez anos. Tinha sido convidada para o *bat mitzvah* da Natasha Bratt, juntamente com outras quatro sortudas do nosso ano. Naquele jardim de traseiras em Mill Hill, o vinho corria e o salmão fumado circulava numa tenda banhada pelo sol; os secadores tinham domado o cabelo das mulheres em trajetórias agressivamente ondulantes, os lábios eram de um bege uniforme e nacarado. E, por motivos que nunca hei de entender, todas nós, raparigas — nitidamente pré-púberes nos nossos vestidos sem alças *Tammy Girl* e com ganchos de borboletas no cabelo —, íamos recebendo sucessivas flutes de champanhe, oferecidas pelos empregados do bufete.

A princípio, parecia uma onda de calor que me percorria o corpo, o meu sangue a correr acelerado, a minha epiderme a tinir. Depois, foi como se todos os parafusos de todas as minhas articulações tivessem sido desapertados, deixando-me tão leve e elástica como massa levedada. E depois vieram as conversas — as histórias engraçadas, as opiniões dramáticas sobre professores e pais, as piadas ordinárias, os melhores palavrões. (Ainda hoje, esta progressão em três etapas continua a ser a maneira como vivo o início de uma embriaguez.)

A dança do pai-e-filha ao som da *Brown Eyed Girl* do Van Morrison conheceu um fim abrupto e prematuro quando uma das raparigas, um pouco mais tocada do que as restantes, se atirou de barriga para a pista de dança e começou a contorcer-se feita maluca por baixo das pernas dos dois (o pai e a filha) como um peixe fora de água. Pouco depois, eu estava a fazer o mesmo, antes de sermos levadas e repreendidas por um tio ultrajado. Mas a noite ainda mal tinha começado.

Cheia de uma confiança recém-descoberta, decidi que estava na altura do meu primeiro beijo, seguido do segundo (com o melhor amigo do primeiro), seguido do terceiro (com o irmão do primeiro). Todas acabaram por ser levadas na onda — a trocar e a experimentar parceiros de beijo como se fossem sobremesas partilhadas. Esta orgia infantil suburbana acabou por ser interrompida e fomos todas levadas para a sala da frente, onde nos deram café puro; uma vez trancada a porta, os nossos pais foram chamados para nos irem buscar. Depois de um mau comportamento tão inaudito, fomos reprimidas uma segunda vez pela nossa diretora na segunda-feira e censuradas por «representar a escola de uma forma tão lamentável» (uma acusação que eu havia de ouvir muitas vezes durante os meus anos escolásticos e que sempre me pareceu imerecida, em especial porque eu nunca tivera a pretensão de ser uma representante da escola — os meus pais é que a tinham escolhido por mim).

Nunca mais fui a mesma depois daquela noite, cujo teor me deu material suficiente para preencher as páginas dos meus diários até meio da adolescência. Numa idade demasiado prematura, eu tinha ganho um gosto pelo álcool. Em qualquer reunião familiar, pedia que me dessem pequenos copos de vinho diluído. No Natal, chupava a calda doce e pegajosa dos bombons de licor, com a esperança de apanhar uma toska. Aos quatorze anos, descobri finalmente onde é que os meus pais escondiam a chave do armário das bebidas e passei a emborcar tampas cheias de conhaque barato quando eles não estavam em casa, apreciando a névoa tépida e atordoada que se estendia sobre os trabalhos de casa por fazer. Às vezes, arrastava a Farly para as minhas furtivas pielas suburbanas — bebíamos o gim *Beefeater* e enchíamos a garrafa com água; depois, sentávamos de pernas cruzadas no tapete felpudo e assistíamos ao *Quem Quer Ser Milionário?*, entretidas numa discussão embriagada sobre a resposta certa.

Não houve nada que eu detestasse tanto como o facto de ser uma adolescente. Era um estado no qual eu não me encaixava nem um bocadinho. Queria desesperadamente ser adulta; queria desesperadamente ser levada a sério. Detestava ter de depender de alguém para o que quer que fosse. Mais depressa me apanhavam a esfregar chãos do que a aceitar uma semanada; mais depressa fazia cinco qui-

lómetros a pé, à noite, debaixo de chuva, do que aceitava uma boleia dos meus pais para casa. Já estava a ver o preço de apartamentos T1 em Camden aos quinze anos, para poder começar a economizar o dinheiro que ganhava como *baby-sitter*. Com a mesma idade, usava as receitas e a mesa da sala da minha mãe para dar «jantares», obrigando as minhas amigas a comparecer para comer *tagliatelle* com frango assado e rosmaninho, e *pavlovas* de framboesa ao som do Frank Sinatra, quando tudo o que elas queriam fazer era comer hambúrgueres e jogar bólingue. Eu queria ter os meus amigos, a minha agenda, a minha casa, o meu dinheiro e uma vida só minha. Achava que ser adolescente era um embaraço enorme, frustrante, humilhante e codependente que, quanto mais depressa acabasse, melhor.

O álcool, penso eu, foi o meu pequeno ato de independência. Era a única maneira de me sentir adulta. Todos os efeitos secundários resultantes da bebida em que as minhas amigas estavam viciadas — o marmelão, os guinchinhos, as trocas de segredos, fumar e dançar — tinham a sua graça, mas a “maturidade” pertinente do álcool era o que mais me agradava. Eu encenava e vivia cenas de faz-de-conta de uma vida adulta e mundana. Cheia de confiança, entrava nas lojas de bebidas alcoólicas locais e examinava os rótulos das garrafas enquanto fingia ter conversas no meu *Nokia 3310* sobre «uma festa casual neste sábado, com bebidas» ou «um dia de pesadelo no escritório» ou «onde será que deixei o carro». Agarrada ao meu exemplar bastante usado de *A Mulher Eunuco* (por ironia, essencialmente decorativo), eu plantava-me no meio do corredor onde os professores me podiam ouvir e, à hora da saída numa qualquer sexta-feira, desatava a berrar: «O JANTAR CONTINUA DE PÉ, CERTO?» para a Farly, «APETECE-ME UMA BOA GARRAFA DE VINHO!», e achava graça à expressão algo desconcertada nas caras deles quando passavam por mim. *Pois, vão-se lixar*, pensava eu. *Estou a fazer uma coisa que vocês também fazem. Sou uma adulta. Levem-me a sério, porra!*

Só quando fui para o colégio interno aos dezasseis anos é que realmente comecei a cultivar o hábito de beber muito. O meu colégio misto era o último em Inglaterra com um bar no *campus* para os alunos do último ano. Às quintas e sábados, centenas de jovens dos

dezasseis aos dezoito anos desciam a uma pequena cave, pediam as suas duas latas de cerveja e esfregavam-se uns nos outros numa pista de dança escura e suada ao som de «Beenie Man and Other Dance Hall Legends». Por sorte, a minha residência ficava mesmo à frente do bar, o que me permitia voltar às onze da noite para “casa”, onde a nossa diretora estava à espera com caixas de piza que nós, bêbedas, comíamos juntas. Isto também implicava que o jardim da nossa residência era usado como recreio hedonista fora de horas. Meia hora depois do toque de regresso, a minha superintendente metia um capacete na cabeça e partia para o meio dos arbustos à procura de alunos seminus e atrapalhados. Depois de mandar para a cama sem piza qualquer rapariga apanhada no jardim, e depois de mandar o rapaz de volta para a sua devida residência, havia sempre um momento delicioso em que a ouvíamos, no escritório dela, telefonar ao diretor da residência do rapaz:

«Encontrei o seu James atrás dos meus rododendros com a minha Emily, e ele estava com as calças para baixo», dizia ela com o seu sotaque do Yorkshire. «Mande-o para casa; deve aparecer por aí dentro de dez minutos.»

Todos os professores sabiam que já tínhamos bebido antes de chegar ao bar. Escondíamos garrafas de vodca nas nossas malas, disfarçadas dentro de frascos de champô vazios; tínhamos um fornecimento inesgotável de *Marlboro Lights* debaixo dos colchões. Disfarçávamos o cheiro das nossas transgressões com perfume barato e pastilha elástica de mentol; quando eu fumava um charro e ficava com os olhos vermelhos, molhava o cabelo como se tivesse acabado de sair do chuveiro e culpava o champô. A regra implícita era: «acreditamos que vocês conhecem os vossos limites, portanto, não sejam parvos. Bebam e fumem, mas não se portem mal e não sejam óbvios.» Em termos gerais, o sistema funcionava. Havia sempre um rapaz que ia longe de mais e dava cabo de uma cadeira, ou tentava pinar com a professora de matemática de plantão, mas os outros conseguiam comportar-se. Os professores, no geral, respeitavam bastante os alunos; tratavam-nos como jovens adultos e não como crianças. Os únicos anos da minha adolescência dos quais gostei foram os últimos dois que passei no colégio interno.

Uma universidade nunca há de ser um lugar ideal para alguém que tenha um relacionamento pouco saudável com a bebida, mas, meu Deus, devo ter escolhido a pior que se possa imaginar no dia em que me candidatei à universidade de Exeter. Aninhada nas colinas verdejantes do Devon, Exeter é conhecida há muito tempo como uma universidade para betos arrogantes, semiletrados e semi-embriagados. Se alguma vez conheceres um homem de meia-idade que ainda joga lacrosse, conhece todas as regras de todos os jogos que envolvam bebidas e canta melhor em latim do que em inglês quando está bêbado, o mais provável é que ele tenha andado na Universidade de Exeter — ou «The Green Welly Uni», como era conhecida na década de 1980. Eu só concorri porque a Farly tinha concorrido. Por sua vez, ela só tinha concorrido porque era uma boa universidade para Estudos Clássicos e porque ela gostava do litoral. Eu só fui para lá porque não entrei no único curso que realmente queria em Bristol e porque os meus pais me disseram que tinha de ir para a universidade.

Ainda hoje, estou convencida de que os três anos que passei em Exeter me deixaram mais estúpida do que quando cheguei. Fazia poucos ou nenhuns trabalhos; de rato de biblioteca, passei a não ler uma única página de um livro que não fosse de leitura obrigatória (e penso que nem terei acabado um deles). Entre setembro de 2006 e julho de 2009, tudo o que fiz foi beber e pinar. Tudo o que qualquer um fazia era beber e pinar, apenas com breves pausas para comer um *kebab*, ver um episódio de *Eggheads* ou comprar roupa para uma festa num *pub*, com o tema «Lashed of the Summer Wine». Longe de ser o centro de pensamento radical e de um ativismo apaixonado que eu esperava, aquele era o lugar politicamente mais apático que eu já tinha conhecido. Durante todo o tempo que lá passei, apenas soube de dois protestos: o primeiro, do corpo estudantil contra a eliminação das batatas fritas da ementa do Student Union Pub; o segundo, a petição de uma rapariga para criar um percurso equestre no *campus* para que ela pudesse ir para as aulas montada num pônei.

Eu nunca me perdoaria os anos de vida que desperdicei em Exeter se não fosse a única coisa que fez com que toda aquela lamentável experiência tivesse valido a pena: as mulheres que conheci. Na primeira semana, a Farly e eu conhecemos um grupo de raparigas que

depois haviam de ser as nossas amigas mais chegadas. Havia a Lacey, uma aluna de teatro, loira, linda e ruidosa; a AJ, uma morena luminosa vinda de uma severa escola só de raparigas que cantava hinos religiosos quando se embebedava; a Sabrina, uma loira encantadora, cheia de vida e de entusiasmo. Havia a rapariga de South London, a Sophie: ruiva, divertida e arrapazada, sempre pronta para fazer alguma reparação nos nossos apartamentos. E havia a Hicks.

A Hicks era a nossa líder — uma *Stig of the Dump*⁵ nascida em Suffolk, com uma cabeleira loira quase branca, olhos tresloucados e rematados por uma sombra azul-turquesa cintilante, pernas compridas de adolescente e um par de mamas inconfundível porque fazia questão em exibi-lo. Eu nunca tinha conhecido ninguém assim: era ousada e perigosa, perspicaz e atrevida. Nada parecia ter consequências quando estavas com a Hicks. Era como se ela vivesse como uma imperatriz no seu próprio reino com as suas próprias regras, onde a noite acabava à uma da tarde e a noite seguinte começava na tarde que se lhe seguia, onde um homem de idade que conhecias num *pub* podia acabar como inquilino temporário em tua casa. Ela vivia inteira, total e completamente no presente — impossivelmente glamorosa e invejavelmente *rock'n'roll*. A sua sede imprudente e ilimitada de diversão marcaria o tom dos três anos seguintes.

A atmosfera em Exeter era tão agressivamente masculina que muitas vezes me pergunto se poderá ser uma explicação para o nosso comportamento quando éramos estudantes — se o meu grupo de amizades exclusivamente femininas estava a tentar igualar aquela energia com o nosso comportamento. Era uma perpetuação da cultura americana das fraternidades universitárias dos filmes que tínhamos visto na juventude, cruzada com o sistema hierárquico labrego do sistema de ensino inglês. Divertíamos-nos a fazer chichi em grupo, de cócoras atrás de contentores de entulho (a Farly e eu fomos apanhadas e reprendidas por fazermos isto junto a um cemitério, com o traseiro ao

⁵ *Stig of the Dump* é o nome de um livro infantil da autoria de Clive King, publicado em 1963 e muito popular no Reino Unido. Em traços largos, é a história de um rapaz, Barney, que, ao cair acidentalmente num buraco durante um dos seus passeios pelo campo, encontra um homem das cavernas, Stig, com o qual inicia uma grande amizade. (N. T.)

léu e à vista dos automóveis que passavam — para nosso azar, um deles era um carro da Polícia). Roubávamos cones de trânsito que se iam acumulando na nossa sala de estar. Engatávamo-nos umas às outras e íamos trocando de par nas discotecas. Falávamos sobre sexo como se fosse um desporto de equipa. Tínhamos bazófia para dar e vender, e vivíamos com uma honestidade implacável e sem qualquer competitividade entre nós, sendo frequente darmos uma seca de morte aos potenciais engates umas das outras, com longas e embriagadas dissertações sobre as qualidades da amiga em questão.

Na casa degradada com uma porta vermelha onde eu vivia com a AJ, a Farly e a Lacey, tínhamos um “livro de visitas” que os «hóspedes que passavam a noite» tinham de assinar quando saíam na manhã seguinte. Havia um televisor defunto da década de 1980 no jardim das traseiras, sempre ali, fizesse chuva ou fizesse sol. Tínhamos o corredor cheio de lesmas, que eu salvava uma a uma depois de uma noite de copos: levava-as para o jardim e colocava-as num canto especial do relvado (mais tarde, a Lacey acabaria por admitir que ela e as outras depois usavam daquele veneno em granulado, mas nunca me diziam). Foi uma época de deboche e extravagância. Um mundo onde duas das minhas amigas faziam uma direta a dançar antes de irem à catedral de Exeter para a celebração dominical, onde cantavam hinos vestidas de licra dourada; um mundo onde uma vez a Farly se levantou para uma aula às nove da manhã e foi dar comigo e com a Hicks ainda lá em baixo a beber *Baileys* com um taxista de meia-idade que tínhamos convidado na noite anterior. Éramos o pior tipo de estudantes que se possa imaginar. Eramos imprudentes e egoístas, infantis e violentamente despreocupadas. Éramos a «Broken Britain»: aliás, era o que costumávamos gritar a caminho dos bares. Hoje em dia, atravesso a rua e saio na estação anterior do metro para evitar dar por mim nas proximidades deste género de exibicionistas barulhentas, parvas e egocêntricas que nós éramos.

Se eu quisesse avaliar a extensão da cultura da bezana no meu grupo de amigas na universidade, bastava-me observar os olhos das pessoas que nos iam visitar. O meu irmão mais novo, Ben, passou alguns dias comigo quando tinha dezassete anos e ficou «chocado» com as aparições seminuas e quase inconscientes que encontrou nas

discotecas a que eu o levei, ficando particularmente ofendido com uma zona de um bar conhecida como “Legend’s Corner” porque só os membros da equipa de rãguebi se podiam sentar ali. Mais tarde, diria aos meus pais que aquela visita de três dias a Exeter tinha sido uma das principais razões pelas quais se recusara a ir para a universidade, preferindo antes a escola de teatro.

A Lauren foi estudar Inglês para Oxford e houve algumas vezes em que fizemos uma espécie de intercâmbio universitário. Ela apanhava o Megabus até Exeter e sacrificava uns quantos neurónios em troca de alguns dias comigo; eu voltava para Oxford com ela e passeava-me pelo parque de Magdalen, onde me punha a imaginar uma vida alternativa em que lia livros e escrevia ensaios quinzenais e vivia numa casa com coruchéu, sem televisões.

Na primeira visita da Lauren, foi como se eu estivesse a ensiná-la a ser uma estudante. Numa noite de copos, pedi uma garrafa de rosé de cinco libras no bar.

— Tudo bem — disse ela. — É só para nós as duas?

— Não, é só para mim — respondi eu enquanto ela olhava para as minhas várias amigas, todas elas com a sua garrafa de vinho e um copo de plástico. — Cada uma tem a sua.

No dia seguinte, deitada no sofá a comer uma piza bera, cara e adocicada, ela viu o seu primeiro episódio do *America’s Next Top Model*. À tarde, conheceu no *campus* o então famoso jogador de lacrosse que tinha começado a escrever a sua dissertação de Geografia Humana no *pub* às duas da tarde do dia em que tinha de a entregar. A Lauren dizia que voltava sempre para Oxford a sentir-se relaxada e revigorada depois de uma muito necessária pausa na sua cansativa experiência universitária de ostentação intelectual. Depois de alguns dias em Oxford, eu voltava sempre para Exeter a sentir-me um pouco neura e pronta para me ir embora.

Ao ilustrar a bolha de mau comportamento impune que foi a minha experiência universitária, tenho por hábito regressar a um episódio específico com a Sophie — agora uma jornalista bem-sucedida e respeitada que se dedica a questões importantes sobre LGBTQ e as mulheres — para me lembrar do quanto conquistámos entretanto. Uma noite, depois de sair de uma festa tailandesa da lua cheia

numa discoteca junto ao cais — vestida de pescador tailandês —, ela deitou-se à beira d'água ao lado de uma amiga que estava a mijar, convencida de que estava prestes a vomitar à conta do balde de oito doses de *Vodka Shark* que tinha acabado de comprar e beber. Ao lado dela estava a amiga semicomatosa de uma amiga, esparramada de costas como uma estrela do mar. Ora, a Sophie viu ali uma oportunidade para levar uma rapariga para algum lugar mais seguro, mas também para ver se tinha sorte. Mas, quando chegou à residência da rapariga, depressa se tornou claro que não ia acontecer nada, pelo que ela apanhou outro táxi de regresso à discoteca, onde pediu outro balde de *Vodka Shark*. Então, conheceu um rapaz que lhe disse que ia buscar um *take-away* a um restaurante indiano que estava aberto até tarde. A Sophie foi com ele e entreteve-se a entoar «PASANDA, PASANDA»⁶ enquanto batia no balcão do estabelecimento. Já com a comida, foram até casa dele e empanturraram-se com um monte de caril. A Sophie vomitou numa tigela de acrílico no quarto do rapaz e largou-a no chão. Apagou-se na cama dele, acordou na manhã seguinte com o seu fato de pescador, olhou para a tigela de vomitado, mas nem reagiu. Em seguida, agarrou na *micro-scooter* do rapaz e arrancou toda satisfeita para casa.

— Estávamos apenas a tentar colecionar histórias engraçadas para contar umas às outras — diz-me ela agora, sempre que pergunto como é que todas nós tínhamos uma ânsia tão infantil de imprudência e falta de noção. — Era isso mesmo que nós trocávamos. Não era para nos pavonearmos diante de mais ninguém, mas sim entre nós.

Era óbvio que, embora todos gostassem de beber, eu adorava beber. Emborcava a uma velocidade assombrosa. Em grande parte, era simplesmente porque adorava o sabor e a sensação da bebida, mas também bebia na universidade pelo mesmo motivo que bebia sozinha aos catorze anos: despejar álcool no cérebro era como juntar água e abóbora. Tudo ficava diluído e mais suave. A rapariga que estava sóbria vivia cheia de ansiedades, convencida de que todos de quem ela gostava iam morrer, preocupada com o que toda a gente pensava

⁶ Nome de um prato de carne típico do norte da Índia. (N. T.)

dela. A rapariga que estava bêbeda fumava um cigarro com os dedos dos pés «porque tem piada» e fazia rodas nas pistas de dança.

Acabei a licenciatura em Exeter um mês antes do meu vigésimo primeiro aniversário e em setembro estava a estudar em Londres, a preparar um mestrado em jornalismo. Este foi, acreditem ou não, o ano em que atingi o meu auge de regabofe: tinha acabado de levar com os pés de uma forma brutal e sem cerimónia, pelo que embarquei na perda de peso para me esquecer do desgosto, e bebia e fumava para me distrair.

Eu ainda não lhe tinha perdido o gosto. Era tão emocionante aos vinte e um anos como tinha sido no *bat mitzvah* da Natasha Bratt, onze anos antes. Lembro-me de estar sentada no metro numa das muitas noites de sábado daquele ano, a ver a cidade cintilante enquanto viajava dos subúrbios para o centro de Londres, nos solavancos da linha Metropolitan. *Londres é toda minha*, pensei. *Tudo pode acontecer*.

O meu hedonismo no ano em questão veio à tona de uma forma particularmente pouco *rock'n'roll*: uma longa viagem num *minicab*. Em minha defesa, posso dizer que foi a Hicks quem começou. No nosso terceiro ano de universidade, ela tornou-se um nome familiar entre o corpo estudantil de Exeter quando saiu de um bar na High Street numa noite de copos, meteu-se num táxi e pediu ao motorista que a levasse a Brighton. Gastou tudo o que tinha para lá chegar e ficou numa suíte de hotel com uns amigos casados que lá estavam numa escapadela romântica. Voltou a Exeter na semana seguinte para contar a história.

A minha noite começou quando eu e a minha nova amiga do mestrado de jornalismo — a Helen, inteligente e com cabelo encaracolado — fomos a casa da nossa amiga Moya para beber um copo de vinho e preparar a revisão de matéria para um grande exame que se aproximava. A Helen e eu começámos a beber garrafa atrás de garrafa de vinho enquanto apanhávamos sol; acabámos bêbedas e saímos de casa da Moya pela meia-noite.

Decidi que a noite não tinha acabado e que queria festa, pelo que apanhámos um autocarro de West Hampstead para Oxford Circus. Todavia, fiquei de repente muito mais bêbeda assim que a viagem

de autocarro começou — a qual demorou uma eternidade impossível por causa de um acidente —, pelo que, a dada altura, ainda em andamento e não sei muito bem como, convenci-me de que não estávamos num autocarro para Oxford Circus, mas sim num outro, a caminho do centro de Oxford. A Helen, em estado semelhante ao meu, alinhou na minha persuasiva teoria. Nesta altura, a Lauren já se tinha licenciado em Oxford; como tal, não lhe telefonei; em vez disso, mandei uma SMS a algumas amigas dela que tinha conhecido nas minhas visitas e que eu sabia estarem no último ano. A mensagem era quase incompreensível, mas o teor era mais ou menos este: «Eu e a minha amiga Helen apanhámos por engano um autocarro para Oxford. Estamos quase a chegar: onde é que a noite está a dar e queres vir connosco?»

Apeámo-nos perto da Topshop, que me pareceu maior do que eu me lembrava da última vez que tinha visitado Oxford. Ficámos as duas à frente da loja enquanto eu telefonava incessantemente a toda a gente que tinha conhecido na Universidade de Oxford — *ainda* sem perceber que continuava em Londres —, mas não tive sorte. A Helen e eu concordámos que aquela saída era uma causa perdida, só que era demasiado tarde para eu apanhar o último metro de volta para casa dos meus pais nos subúrbios. Como tal, apanhámos outro autocarro para o apartamento que a Helen partilhava com o namorado em Finsbury Park e ela disse que eu podia dormir no sofá.

Recusando-me a desistir da minha alucinação embriagada, concluí que estávamos nos Oxford University Halls quando entrei no apartamento; que uma amiga da Helen ainda devia estar a estudar lá, talvez. A Helen foi-se deitar e eu consultei a minha agenda para ver se alguém conhecido estaria pronto para uma festa. Liguei ao meu amigo Will — um canadiano alto, louco e magro, com cabelo comprido e ondulado e olhos claros como opalas. Tinha tido sempre uma paixão assolapada por ele.

«Olá, querida», respondeu ele na sua voz enrolada pela vodca.

— Quero uma festa — disse eu.

«Então, vem até cá.»

— Onde é que tu estás? — perguntei. — Ainda continuas na universidade em Birmingham?

«Warwick. Estou a viver em Leamington Spa», respondeu ele. «Vou-te mandar a morada numa mensagem.»

Saí do apartamento da Helen e fui à procura de uma empresa de táxis. Depois de dez minutos a vaguear pelas ruas — o álcool já a abandonar lentamente o meu sistema quando finalmente percebi que estava em Londres e não em Oxford —, encontrei uma pequena firma de *minicabs* com fachada de madeira. Anunciei que queria um carro que me levasse a Leamington Spa e que o dinheiro não era problema nenhum — só que tinha de ser 100 libras ou menos, visto que era tudo o que tinha na conta e eu estava no limite do saldo a descoberto. Um dos três homens apardalados atrás da divisória de vidro foi buscar um empoeirado mapa de Inglaterra a uma gaveta. Desdobrou-o e estendeu-o teatralmente em cima de duas mesas, para divertimento dos seus colegas. Juntaram-se todos à volta do mapa enquanto planificavam a viagem com traços marcados a caneta vermelha, como se ele fosse o capitão de um navio a preparar um ataque a piratas. Mesmo no meu estado de embriaguez, achei que estavam a exagerar.

— Duzentas e cinquenta libras — acabou ele por dizer.

— Isso é RIDÍCULO — respondi eu com uma indignação muito classe média, a defender os direitos do cliente agarrada ao meu colar de pérolas, como se, dos dois, o pedido dele fosse o mais absurdo.

— Minha senhora, você quer ir para um lugar a três distritos daqui, às três da manhã. Duzentas e cinquenta é um preço muito razoável.

Convenci-o a baixar para duzentas. O Will disse-me que pagava as outras cem libras.

Comecei a ficar sóbria na M1 por volta das quatro da manhã (aqui está uma frase que espero que nenhuma de vocês tenha de dizer ou escrever durante o resto da vossa vida). Mas era tarde demais para voltar atrás — uma sensação frequente a meio destas minhas aventuras a desoras, convencida de que estava apenas a tirar o máximo proveito da minha juventude. Uma citação de Margaret Atwood havia de pairar sobre este período da minha vida como um candeeiro de teto.

Quando estás a meio de uma história, não é história nenhuma, mas apenas uma confusão; um rugido escuro, uma cegueira, um destroço de vidros partidos e madeira lascada; como uma casa num turbilhão, ou então como um barco esmagado pelos icebergues ou levado pelos rápidos, e todos a bordo incapazes de o deter. É só depois que se torna algo parecido com uma história. Quando estás a contá-la, a ti mesma ou a outra pessoa.

Depois, isto até há de valer a pena, pensava eu com a cabeça fora da janela do táxi, o céu a transformar-se em alvorada. *As histórias que vou poder contar à conta disto não têm fim.*

Cheguei às cinco e meia da manhã. O Will recebeu-me à porta com cinco notas de vinte libras. Eu sentia-me triunfante por ter conseguido chegar. A viagem e o destino eram a história; o que aconteceria depois era quase irrelevante. Ficámos acordados a beber, a conversar, deitados na cama semivestidos a fumar erva e a ouvir álbuns dos Smiths, apenas com breves pausas para um pouco de marmelão muito mal-amanhado. Adormecemos às onze da manhã.

Acordei às três da tarde com uma dor de cabeça medonha e uma sensação terrível de que a piada não tinha tanta piada quanto me tinha parecido na noite anterior. Verifiquei a minha conta bancária: zero. Verifiquei o meu telefone: dezenas de mensagens preocupadas de amigas. Tinha-me esquecido de que enviara à Farly uma foto minha a sorrir alegremente no banco de trás do táxi às quatro da manhã, em plena autoestrada, com a mensagem: «UM SALTINHO ÀS WEST MIDLANDS!!»

Preparei um plano. Um namorado meu da adolescência, com quem ainda mantinha uma vaga amizade, estava a estudar medicina na universidade de Warwick. Eu podia ficar alguns dias com ele até que entrasse algum dinheiro do meu emprego de fim de semana; depois, apanhava um comboio para casa a tempo do exame de mestrado em jornalismo na terça-feira. Mas, quando lhe mandei uma mensagem, ele disse-me que estava de férias.

O meu telefone tocou: era a Sophie.

«É verdade que estás em Leamington Spa?» perguntou-me ela quando atendi.

— Sim.

«Porquê?»

— Porque me apetecia uma *after-party* e o meu amigo Will estava a dar uma e ele vive em Leamington Spa. — O Will, ainda meio a dormir, sorriu de olhos fechados.

«OK, isso não faz sentido nenhum», disse ela. «Como é que vais para casa?»

— Não sei. Ia ficar em casa de um ex-namorado, mas ele não está cá e não tenho dinheiro para o comboio. — Seguiu-se uma longa pausa em que pude ouvir a preocupação da Sophie transformar-se em irritação.

«Muito bem; vou-te marcar um autocarro para voltares», disse ela. «Tens bateria no telefone?»

— Tenho.

«Mando-te os pormenores assim que estiver feito.»

— Obrigada, obrigada, obrigada — disse eu. — Depois, pago-te.

A Sophie reservou-me um lugar na viagem de autocarro mais demorada que conseguiu encontrar — para ela, eu precisava de tempo para ficar sóbria, sozinha com os meus pensamentos, para contemplar as consequências das minhas ações. Sem que ela tivesse consciência disso, acabei num autocarro com uma estridente despedida de solteira a caminho de Londres. Emborcámos todas *shots* de tequila durante a viagem e deram-me um *sombrero* para usar. No dia seguinte, quando liguei à Sophie para lhe agradecer, perguntei-lhe se estava chateada comigo.

«Dolly», disse ela, «não estou chateada contigo, estou preocupada.»

— Porquê?

«Porque estavas tão bêbeda que pensaste que estavas no centro de Oxford quando estavas à porta da Topshop em Oxford Circus. Tens ideia da vulnerabilidade que isso implica? Às voltas em Londres assim tão bêbeda?»

— Desculpa — disse eu petulantemente. — Estava apenas a divertir-me.

«Quantas amigas nossas terão de ir à falência a apanhar táxis para atravessar o país antes que esta loucura acabe?»

(Seria apenas mais uma — a Farly, alguns meses depois, de South West London até Exeter. Ela estava num táxi a caminho de casa depois de sair de uma discoteca quando recebeu uma SMS de um rapaz que ela curti e que ainda estava na universidade, pelo que perguntou ao taxista se podia dar meia-volta e ir até ao Devon. Ainda hoje, ela encolhe os ombros perante as acusações de extravagância e diz que a viagem só lhe custou noventa libras e um maço de cigarros. O valor tem aumentado gradualmente à medida que vamos insistindo.)

Mas eram boas histórias e isso é que importava. Eram a razão de ser dos meus vinte e poucos anos. Eu era um detetor de metais humano com um metro e oitenta, à procura de fragmentos de potenciais histórias engraçadas, de rastros em plena existência, com o nariz colado ao relvado na esperança de encontrar alguma coisa interessante para escavar.

Noutra noite, com vinte libras entre nós, a Hicks e eu fomos a um elegante hotel em Londres, isto porque ela me tinha garantido que era um antro de «milionários entediados com litros de bebida que querem a companhia de gente nova e divertida». Sem dúvida, encontrámos dois homens de meia-idade do Dubai: um deles era dono de um restaurante indiano na Edgware Road; o outro tinha uma daquelas “universidades” de Língua Inglesa por cima de uma loja de telemóveis na Tottenham Court Road. A Hicks e eu lá fizemos o nosso velho número, que consistia em contar a história inventada e bem ensaiada de como nos tínhamos conhecido num cruzeiro. Eu cantava com a banda, o marido dela tinha-se atirado ao mar e, certo dia, nós tínhamos começado a conversar quando estávamos sentadas, sozinhas, na cobertura superior, a fumar e a contemplar o oceano.

Perguntaram-nos se queríamos ir até casa de um amigo deles, o Rodney, que nos garantiram ser um «*party boy*» — o eufemismo universal para «generoso com o seu álcool e as suas drogas». Metemo-nos no carro deles, que já estava à espera lá fora, e o motorista levou-nos a uma torre na Edgware Road, que estava muito longe da promessa de excesso e *glamour à la* Studio 54 que nos tinham vendido. A Hicks e eu demos as mãos ao passar a entrada e, no elevador, enviei uma SMS à Farly com o endereço onde estávamos, caso me

acontecesse alguma coisa naquela noite, um ritual bastante mórbido ao qual ela já se habituara.

Um homem cipriota de setenta e poucos anos, com um pijama às riscas, abriu-nos a porta.

— Meu Deus! — exclamou ele quando nos viu. — É muito tarde! — Levantou os braços em sinal de desespero. — Já não tenho idade para isto!

Os nossos dois novos amigos prometeram-lhe que a festa não seria muito demorada e que só queríamos algumas bebidas. Educado, o Rodney convidou-nos a entrar e perguntou o que queríamos beber. Disse que os coquetéis eram a sua especialidade, enquanto apontava para o seu bem abastecido móvel-bar da década de 1970. Eu pedi um martíni seco.

Fiquei bastante fascinada com o Rodney; particularmente com as dezenas de fotografias emolduradas dos netos, espalhadas por todas as superfícies disponíveis. Demos uma volta com os nossos martínis, ele ainda de pijama enquanto me ia dizendo os nomes e idades e descrevendo a personalidade de cada um deles. Entretanto, a Hicks estava a fazer o que sempre fazia em noites como aquela: discutia seriamente filosofia com um dos milionários do Dubai, gesticulava dramaticamente enquanto monologava sobre os existencialistas franceses com os olhos muito esbugalhados.

O Rodney e eu sentámo-nos num sofá e ele descreveu-me a mitologia do seu passado: os empreendimentos comerciais fracassados, o bar que tinha tido e que agora era um Waitrose⁷, as modelos que lhe tinham partido o coração. A dada altura, fez uma pausa na sua narrativa, enrolou uma nota de cinco libras para dar conta da cocaína que já estava devidamente alinhada na mesa de café, e recostou-se para olhar para mim.

— Sabes, isto tem a sua piada, fazes-me lembrar bastante uma mulher que encontrei algumas vezes nos Anos Setenta. Cabelo loiro comprido; tinha uns olhos iguais aos teus. Namorou um amigo meu durante algum tempo.

— Ah sim? — perguntei eu enquanto acendia um cigarro. — Quem era ela?

⁷ Nome de uma cadeia de supermercados britânica. (N. T.)

— Barby. Acho que se chamava Barby.

Engoli em seco, lembrando-me de uma história que a minha mãe me tinha contado a respeito do nome divertido mas irritante pelo qual era conhecida quando tinha vinte e poucos anos.

— Barbara — disse eu. — Barbara Levey.

— Sim! — exclamou ele. — Conheces essa mulher?

— É a minha mãe — respondi.

Pensei nela, a dormir algures nos subúrbios, e imaginei o que havia de dizer da sua filha a apanhar uma moca com um cipriota de setenta e cinco anos que ela tinha conhecido na década de 1970. Fui até à outra sala, pus um fim ao exclusivo salão literário da Hicks com o seu público que tinha tanto de enamorado como de indiferente, e disse-lhe que tínhamos de nos ir embora imediatamente. Ela disse-me que ia haver uma grande “*after-party*” no restaurante indiano de um deles, na Edgware Road. Eu disse-lhe que já estávamos na *after-party*. Dei por mim a pensar se não teria acidentalmente caído numa zona turva de *after-after-party* e ficado lá presa para sempre. Dei por mim a pensar se seria preciso uma escada para fugir dali.

Mas não posso dizer que foi tudo uma tragédia, porque não foi. Eu e as minhas amigas continuávamos a acreditar que o que estávamos a fazer era um grande ato de afirmação e emancipação. A minha mãe costumava dizer que aquilo não era mais do que ato de feminismo equivocado; que imitar as atitudes mais imaturas dos homens não era um sinal de igualdade («Prejudicou tanto a causa, aquela Zoë Ball», comentou ela certa vez). Mas continuo a achar que houve ocasiões em que aqueles anos de ramboia foram um ato de desafio, de celebração e de poder; uma recusa em usar o meu corpo de uma maneira que todos esperavam. Uma grande parte não foi mais do que pura diversão segundo os nossos próprios termos: muitas das recordações que tenho andam à volta de mim e de uma das minhas amigas a virar costas a uma situação na qual estávamos aborrecidas ou que não nos agradava, para depois apenas passarmos algum tempo uma com a outra. Eu estava sedenta de experiências e satisfazia esta sede com amigas que pensavam como eu. E isto criou uma mentalidade de grupo da qual nenhuma de nós se livrou.

Algumas das memórias que tenho são alegres, algumas são tristes e a realidade era assim mesmo. Algumas vezes, dancei até de madrugada com um sorriso na cara num círculo de amigas mais chegadas; algumas vezes, caí na rua ao correr para apanhar o autocarro noturno debaixo de chuva e fiquei deitada na calçada molhada durante muito mais tempo do que devia. Algumas vezes, choquei com um candeeiro e perdi os sentidos, e passei dias com o queixo negro. Mas, algumas vezes, acordei num emaranhado afetuoso de raparigas ressacadas, cheia de mais nada senão conforto e alegria. De vez em quando, encontro agora gente daqueles anos ligeiramente nebulosos, mulheres que me dizem que passaram uma noite comigo a beber a um canto numa festa, e fico imediatamente em pânico porque não me consigo lembrar. Há um ano, estremei de vergonha quando um taxista me perguntou se eu não me chamava Donny, porque tinha a certeza de me ter apanhado «num lindo estado», a andar descalça numa rua de Londres em 2009.

Mas uma boa parte de tudo isto foi diversão, fantástica e despreocupada. Uma boa parte foi aventura, atravessar cidades, distritos, histórias e pessoas, com um bando de exploradoras com *collants* fluorescentes e *eyeliner* preto a mais como companhia.

E pelo menos, pensava eu, tinha finalmente provado a todos que era uma adulta. Pelo menos, podia ser finalmente levada a sério.